

O POSICIONAMENTO AVALIATIVO DE ENUNCIADOS DE OPINIÃO SOBRE A DENÚNCIA DE RACISMO NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO

Vania Maria Medeiros de Fazio AGUIAR
(UNITAU)
vaniafazioaguiar@yahoo.com.br

RESUMO: O presente estudo visa a observar o dialogismo presente em enunciados opinativos da mídia impressa com apoio nos conceitos sobre gêneros discursivos expressos na *Estética da Criação Verbal* e em outros textos de Mikhail Bakhtin e do Círculo. Foram selecionados uma *charge* de 12/09/2012 e um *editorial* de 14/09/2012, veiculados pelo jornal *Folha de S. Paulo*, referentes à denúncia da existência de palavras que remetem ao racismo no livro *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, publicado em 1933. Para a análise dialógica foram considerados depoimentos e notícias, cuja relação com os objetos de estudo conduziu ao posicionamento axiológico neles embutidos.

PALAVRAS-CHAVE: relações dialógicas; enunciados opinativos; posicionamento axiológico; racismo.

ABSTRACT: *The present study aims to observe the dialogism present in opinionated statements from the press media to support the concepts about discourse genres expressed in Aesthetics of Verbal Creation and in other texts by Mikhail Bakhtin and in the Circle. It was selected a comic strip from 09/12/2012 and an editorial letter from 09/14/2012 from the newspaper Folha de S. Paulo which refer to the existence of racism in the book Caçadas de Pedrinho of Monteiro Lobato published in 1933. To carry out this dialogical analysis, it was considered statements and news whose relationship with the objects of study led to the axiological positioning embedded in them.*

KEYWORDS: *dialogic relations; opinion at ed statements; axiological positions; racism.*

0. Introdução

A teoria dialógica da linguagem de Mikhail Bakhtin permite várias leituras de uma enunciação. Tudo depende do modo do nosso olhar para o outro sobre o estilo de cada um na composição enunciativa. Podemos dizer que Bakhtin e seu Círculo têm muito a nos ensinar sobre a maneira de olhar a vida que vivemos, influenciada pelas ações do passado com projeções para o futuro. Segundo o filósofo russo, "o enunciado está voltado não só para seu objeto mas também para os discursos do outro sobre ele". (Bakhtin, 2003: 300).

A utilização da teoria bakhtiniana para a análise de textos opinativos da mídia impressa pode contribuir de maneira progressiva e fecunda para a compreensão da palavra como signo ideológico. A significação do signo vai depender da voz social em que está ancorado, pelas múltiplas verdades atribuídas a cada esfera do conhecimento. Em cada época, cada grupo humano recobre o mundo com diferentes axiologias, porque são diferentes e múltiplas as experiências que nela se dão, resultando em inúmeras verdades.

Sobre a verdade Bakhtin (2010b: 90) afirma:

Pode-se perfeitamente admitir e pensar que a verdade única requer a multiplicidade de consciências, que ela, por princípio, não cabe nos limites de uma consciência e que, por assim dizer, é, por natureza, uma verdade *baseada em acontecimentos* e surge no ponto de convergência de várias consciências.

Para a avaliação de atitudes ou palavras realizadas no passado ou no presente faz-se necessário o entendimento de mundo de maneira refletida e refratada, considerando-se o tempo, o espaço e os sentidos neles infiltrados. Seguindo os ensinamentos do Círculo de Bakhtin, Irene Machado (2010) confirma que o espaço das relações dialógicas se define em função das interações em jogo no campo de visão e naquilo que o excede.

Espaço e tempo são os elementos que possibilitam a realização arquitetônica da exotopia, visto realizar-se pela ocupação do lugar de outro indivíduo de maneira axiológica, cujos valores refletidos são refratados e revelados a partir de "um determinado processo histórico dos acontecimentos" (Bakhtin, 2003: 241).

Baseando-nos nas proposições do Círculo de Bakhtin, procuramos observar o dialogismo presente em enunciados opinativos da mídia impressa. Para tal selecionamos uma *charge* e um *editorial* referentes à denúncia da obra de Monteiro Lobato, *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, da existência de palavras que remetem ao racismo.

Ao analisar cada objeto enunciativo atentamos ao aspecto sócio-histórico-cultural vigente na época em que a obra do escritor brasileiro foi escrita, assim como no período em que os objetos estéticos foram construídos, procurando observar os posicionamentos axiológicos de seus autores refletidos na materialidade enunciativa de cada enunciado. Podemos dizer que a forma de composição de cada objeto é o resultado valorativo de cada autor a respeito de seu tema à espera de uma posição responsiva de seu leitor.

1. Perspectiva teórica

Sendo o discurso jornalístico uma construção de enunciados diversos, em que a palavra, como diz Bakhtin (2009:99) "*está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*" (grifo do autor), é imprescindível o conhecimento do indivíduo sobre o fato que originou o evento para que haja interação entre os sujeitos do discurso.

Para uma real compreensão do evento é preciso que perguntas sejam feitas e que as respostas a elas se transformem em caminhos para o seu entendimento, a fim de possibilitar o prosseguimento da inter-relação dos acontecimentos. De acordo com Bakhtin (2003: 408), "toda resposta gera uma pergunta. Perguntas e respostas supõem uma distância recíproca". Este distanciamento possibilita posicionar os elementos do acontecimento como pontos de vista, cujos acessos extrapostos são projetados num contínuo movimento temporal e espacial para fins de acabamento do fenômeno da interação, sendo que

a escolha de certos elementos de sentido no acontecimento determina também a escolha dos respectivos elementos do acabamento que lhe são transgredientes, o que se expressa na diversidade das formas do todo semântico da personagem (Bakhtin, 2003: 127).

Este é o mundo das relações arquitetônicas nomeado por Bakhtin, o qual afirma que a "a forma não é só espacial e temporal, mas também do sentido" (Bakhtin, 2003: 127). Essa relação constituinte do objeto é o que significa, pois articula espaço, tempo e sentido, integrando material, forma e conteúdo, deixando "explícito seu posicionamento frente a discursos sociais e históricos" (Berti-Santos, 2012: 161).

É o todo enunciativo ligado pelo sentido articulado por suas partes constitutivas que torna possíveis os questionamentos para a avaliação do acontecimento. Podemos considerar que o acabamento, na perspectiva do leitor frente ao autor, quando aquele considera que este finalizou suas

considerações no objeto estético concreto; e o inacabamento, na perspectiva do autor frente ao leitor, quando aquele espera uma resposta deste para complementar sua ideia, mobilizam o ato criativo de enunciados, como os opinativos da mídia impressa. O sentido gerado pelas articulações define a forma composicional do objeto estético como a *charge* e o *editorial*, presentes neste estudo, cuja historicidade está presente como uma tomada de posição de uma determinada ideia,

no próprio movimento dialético de sua constituição, com suas contradições, suas convergências, suas divergências, seus deslizamentos, seus apagamentos, suas ressignificações, suas retomadas, suas afirmações, suas negações, suas hibridizações (Fiorin, 2010: 47).

Para Fiorin (2010), a expressão, a organização e a regulamentação das relações histórico-materiais caracterizam a ideologia bakhtiniana.

A reciprocidade dessas relações vai formando o contexto ideológico num "processo global de produção e reprodução social" (Miotello, 2010: 169) como uma teia de fios constituindo o signo ideológico, podendo se configurar como dominante em certa esfera social. Para o Círculo (Bakhtin, 2003: 298),

a nossa ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento.

No discurso das mídias, especificamente da esfera jornalística opinativa, as ideias construídas englobam os interesses da empresa embutidos nos objetivos de sua produção, a visão do autor influenciada por essas orientações e a presumida reação do leitor frente às colocações apresentadas sobre os acontecimentos. Essas enunciações são plenas das palavras do outro, de um grau vário de alteridade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância assimilados, reelaborados e reacentuados pelos participantes da interação comunicativa, possibilitando uma abertura na comunicação entre os interlocutores. "Renovam-se em situações novas" as formas de autoria, assim como "o tom dessas formas" (Bakhtin, 2003: 390), determinado pela relação falante/interlocutor.

Seguindo com as palavras do filósofo russo,

em qualquer enunciado, quando estudado com mais profundidade em situações concretas de comunicação discursiva, descobrimos toda uma série de palavras do outro semilatóentes e latentes, de diferentes graus de alteridade. Por isso o enunciado é representado por ecos como que distantes e mal percebidos das alternâncias dos sujeitos do discurso e pelas tonalidades dialógicas, enfraquecidas ao extremo pelos limites dos

enunciados, totalmente permeáveis à expressão do autor (Bakhtin, 2003: 299).

Observamos essa teia articulada quando situamos o tema de cada enunciado do presente estudo nos dias de hoje, época em que foram construídos.

O fato é que o Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (IARA), em 2010, uniu-se a uma causa delatada ao Ministério de Educação e Cultura (MEC) pelo professor e técnico em Gestão Educacional, Antonio Gomes da Costa Neto, na denúncia do livro *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, distribuída em escolas públicas, por conter palavras que remetem ao preconceito racial. Tal fato suscitou vários posicionamentos, cujas avaliações vão ao encontro da posição que cada indivíduo ocupa na esfera de que faz parte, como o autor do *editorial* e o criador da *charge*, profissionais do jornal *Folha de S. Paulo*.

Podemos dizer que a razão da existência de cada objeto está diretamente relacionada à esfera jornalística, cuja posição avaliativa de cada ponto de vista procura a adesão do leitor a sua causa. Considerando-o, presumidamente, cada autor se apropria de valores refratados e assimilados no tempo e no espaço a respeito da questão racial na obra de um dos maiores escritores brasileiros da literatura infantil, assim como os reflexos consecutivos ao fato de origem.

Monteiro Lobato foi um grande empreendedor preocupado pelas grandes causas nacionais. Como exemplo, entre os anos de 1918 e 1930, mesmo atravessando muitos obstáculos financeiros e políticos, criou a Companhia Editora Nacional, a primeira editora brasileira.

O escritor nascido em Taubaté, RJ, de acordo com Azevedo et al (2000), observando que não havia literatura infantil que estimulasse as crianças pela leitura, pois a que existia estava relacionada a uma emoção estrangeira com mitologia, jardins encantados, faunos nas florestas, noites de inverno com latidos de cães bravios sob a neve, criou personagens que viviam em ambientes de interior. Inspirando-se nas fábulas de La Fontaine e escrevendo de modo fácil e agradável, Lobato, com seus mitos e crenças populares, criou no Sítio do Picapau Amarelo, o Marquês de Rabicó, o Visconde de Sabugosa, o Dr. Caramujo, o Conselheiro (burro falante), o Quindim (O rinoceronte), o João Faz-de-Conta e a Emília.

Para os autores acima referidos (2000: 81), por meio de "suas invenções narrativas ensinava a meninada a questionar a veracidade das convenções impostas pelos adultos". Monteiro Lobato, com seu mundo imaginário, procurava transmitir o sentido e a importância de brasilidade, como, por exemplo, ao resgatar a figura do Saci em nosso folclore, divulgando um concurso de desenho no jornal em que trabalhava numa época em que os costumes estrangeiros eram mais destacados. Sua

linguagem de fácil acesso permitia o entendimento de posturas complexas da época, sejam sociais ou políticas.

Podemos considerar, seguindo os ensinamentos bakhtinianos, que a posição valorativa assumida sobre o fato, que no caso é a denúncia à obra do escritor brasileiro, vai depender da avaliação axiológica do enunciatário e a esfera a que pertence, tudo direcionado a uma possível resposta responsável do outro acerca de determinado ponto de vista.

Diferentemente de instituição para instituição da mídia impressa, há uma abertura para a circulação de pontos de vista variados, idealizados pela empresa, pelo jornalista, pelo colaborador e pelo leitor. A opinião da empresa se manifesta no editorial; a do jornalista (profissional assalariado) no comentário, resenha, coluna, crônica, caricatura e às vezes artigo; a do colaborador nos artigos; e a do leitor na carta (MELO, 2003). Uma determinada função, para Bakhtin,

(científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis (Bakhtin, 2003: 266).

Cada enunciado concreto está diretamente relacionado à necessidade para a interação entre os indivíduos, ocasionando mudanças ou surgindo outros gêneros discursivos. Deter-nos-emos apenas em algumas palavras a respeito do *editorial* e da *charge*, por ser o nosso estudo acerca de tais enunciados opinativos.

O *editorial*, para Carvalho e Puzzo (2003: 157), "representa os interesses da empresa e ao mesmo tempo se mostra comprometido com a comunidade, sua linguagem possui a máscara de uma impossível neutralidade". À mensagem são atribuídas a topicalidade - tema delimitado; a condensalidade - poucas ideias; a plasticidade - flexibilidade; e a impessoalidade - a matéria não é assinada (BELTRÃO apud MELO, 2003). Mesmo não constando a assinatura do autor, na visão bakhtiniana, a posição assumida no enunciado é crivada de ideologias, deixando marcas subjetivas no decorrer do discurso.

Por meio das escolhas para a organização textual, no editorial é manifestada a posição valorativa da empresa frente aos acontecimentos sociais, que é o que importa para o leitor, o qual deve estar em consonância com a atualidade a fim de partilharem do mesmo momento histórico para a reconstrução discursiva de maneira dialógica. Essa possibilidade se deve à compreensão dos sentidos implícitos do enunciado.

O conhecimento prévio do leitor sobre o fato que gerou cada enunciação é imprescindível para a compreensão tanto dos argumentos apresentados no editorial *Caçadas a Pedrinho*, como dos sentidos

imbuídos na materialidade do desenho chárstico, podendo ser de grande valia para a reflexão sobre os acontecimentos.

Transmitindo de maneira crítica, às vezes irônica e sarcasticamente, os diferentes discursos que ecoam sobre certo fato, o entendimento da charge permite ampliar o processo de comunicação entre os indivíduos. Referindo-se sempre a acontecimentos contemporâneos a elas, as *charges* são logo esquecidas devido às transformações constantes do contexto social, tornando-as incompreensíveis. Porém, ao localizá-las no tempo e no espaço, os sentidos refratados em suas configurações sempre serão revividos e compreendidos em qualquer época, exigindo uma resposta contemporânea. Para o Círculo de Bakhtin, todo ato cultural se move numa atmosfera axiológica intensa de indeterminações responsivas, isto é, em todo ato cultural assume-se uma posição valorativa frente a outras posições valorativas.

A análise de um enunciado, como a *charge*, pode levar a uma visão mais abrangente de seu interlocutor sobre determinado fato, impelindo-o a uma resposta ativa. Isso, porque a imagem está presente em todos os setores da sociedade nas diversas modalidades de formas, de cores, de texturas, de dimensões. Formando um todo de sentido transmitido pelas relações entre os diversos elementos gráficos, o desenho chárstico se constitui num texto coerente e coeso, em que os autores, de acordo com Romualdo (2000), colocam neles suas opiniões e suas críticas.

Podemos acrescentar, seguindo os conceitos de Dondis (2007) sobre a sintaxe da linguagem visual, que é necessário, também, “examinar os elementos visuais básicos, as estratégias e opções das técnicas visuais, as implicações psicológicas e fisiológicas da composição criativa [...]” (Dondis, 2007: 2), para que o estudo da *charge* seja produtivo. Muitos dos sentidos originados dos desenhos na mídia impressa ou em outro veículo de informação deixam de ser entendidos por grande parte dos leitores pelo desconhecimento da sintaxe da linguagem visual.

A construção visível de um discurso permite, a partir de um jogo argumentativo, estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras performances verbais e, dessa forma, buscar adesão, visando ao diálogo por meio de um já-dito, criando a ilusão de evidência e unicidade. À vista disso, de acordo com Bakhtin (2009: 108) “as formas que constituem uma enunciação completa só podem ser percebidas e compreendidas quando relacionadas com outras enunciações completas” e fazem parte do mesmo domínio ideológico.

Seguindo este ensinamento, para a análise dialógica consideramos outros pronunciamentos referentes à denúncia à obra de Monteiro Lobato veiculados pelo mesmo jornal *Folha de S. Paulo*.

A escolha do locutor de determinada forma gramatical no *editorial* ou de determinado ponto ou linha na imagem verbo-visual da *charge* é um ato estilístico, que se combina organicamente com base no enunciado. De acordo com Bakhtin (2003), o estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento. A cada gênero um estilo, uma visão, uma posição valorativa que se apresenta contígua ao emaranhado de fios entrelaçados pelo sentido arquitetado exotopicamente.

Com base nos pressupostos mencionados, a observação dos elementos constitutivos da *charge* e do *editorial* permitiu-nos um entendimento mais profundo das razões pelas escolhas que cada locutor realizou para a sua enunciação, possibilitando-nos observar o dialogismo neles presente, como veremos adiante.

2. Análise e discussão dos resultados

2.1 Metodologia

Para observar o dialogismo presente na *charge* de 12/09/2012 e no *editorial* de 14/09/2012, divulgados pelo jornal *Folha de S. Paulo*, utilizamos a teoria dialógica da linguagem de Mikhail Bakhtin e do Círculo. Procuramos relacionar os diversos sentidos envolvidos em enunciações referentes à denúncia de palavras racistas existentes no livro *Caçadas de Pedrinho* com os enunciados opinativos propriamente ditos.

Para tal, pesquisamos sobre o Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (IARA) e sobre notícias referentes ao caso no jornal *Folha de S. Paulo*. Tivemos acesso, também, a outras obras de Monteiro Lobato, assim como de obras referentes à sua trajetória literária. Amparados com o devido conhecimento observamos a materialidade específica de cada enunciado, *editorial* e *charge*, relacionando-os à teoria dialógica da linguagem.

Utilizando as proposições de Dondis (2007), atentamos para a materialidade verbo-visual da *charge* nas formas, nas cores, nas linhas, nos pontos e nas dimensões. De acordo com autora, quando há uma educação que permite a observação dos efeitos de sentido produzidos pela imagem criada, ao ver "conscientizamo-nos, através de uma série de experiências visuais, de algo que acabamos por reconhecer e saber, e percebemos o desenvolvimento de transformações através da observação paciente (Dondis,2007: 13).

Além disso, observamos na materialidade do *editorial* o uso de algumas expressões realizadas pelo locutor, essenciais para a concretização de sua posição axiológica na composição do enunciado.

2.2 A denúncia à obra de Monteiro Lobato

A obra literária infantil, *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, publicada em 1933, relata a aventura da turma do Sítio do Picapau Amarelo na caça de uma onça pintada que apareceu nas redondezas do sítio, e os acontecimentos que vieram após a sua morte, envolvendo os animais que viviam ao seu redor. Revoltados e temerosos pelo que poderia acontecer, caso não reagissem, articulam uma vingança.

Na história infantil, a fim de se defenderem contra o ataque dos animais, Pedrinho, Narizinho e Emília fazem pernas de pau bem altas para ficarem bem acima dos olhares dos bichos para não serem vistos. Tia Anastácia, com seu corpo desajeitado, não se aventurou a ficar nas pernas de pau. Porém, no momento do ataque, ela subiu rápido no mastro de São Paulo: "trepou que nem macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima" (LOBATO, 1969: 55). Com base nesta passagem a denúncia contra o racismo foi realizada.

De acordo com Ana Maria Filipouski apud Azevedo et al (2000: 83), trazer a vida brasileira

e desenvolver um sentimento de nacionalidade atuante foi a mais importante função da literatura de Lobato que, por isso, se constitui na referência máxima da literatura infantil brasileira, permanecendo ainda hoje como um desafio atual.

Podemos incluir nestes dizeres certas observações de Monteiro Lobato acerca da postura da sociedade entre as décadas de 20 e 30, a respeito da situação de escravidão dos negros, que mesmo abolida no Brasil em 1888, ainda era vivenciada por algumas famílias da época. Nas palavras ou atitudes de alguns de seus personagens, o autor concretizava esses atos, considerados normais por alguns, esperando, talvez, uma conscientização mais humanitária do leitor ao se deparar com atitudes que muitas vezes realizava em seu cotidiano.

Podemos considerar, que a personagem Pedrinho, por exemplo, ao se referir a Tia Anastácia a uma macaca de carvão, o autor deixa em evidência a que a estava comparando, caracterizando-a como um ser não pensante, mostrando o preconceito ainda latente. Também em outra obra, *Negrinha*, Lobato procura mostrar as crueldades de uma mulher de posses sobre a filha órfã de uma escrava, disfarçadas em benefícios.

De acordo com o Círculo, a ideia do autor de uma obra deve inserir-se "nesse mundo como um posicionamento entre outros posicionamentos, como palavra entre outras palavras" (Bakhtin, 2010b: 111). Para isso uma retrospectiva é inevitável para considerarmos o contexto em que se desenrola a ação judicial que envolveu uma das obras de Monteiro Lobato.

Tendo como tema de mestrado políticas públicas e étnico-raciais, o professor e técnico em Gestão Educacional, Antonio Gomes da Costa Neto observou que não havia medidas concretas para o tratamento de livros

que continham passagens racistas como o livro de Monteiro Lobato, *Caçadas de Pedrinho*, cuja nova edição já está de acordo com a nova ortografia, contendo também explicações sobre a legislação ambiental no que se refere à caça da onça, mas não sobre a legislação racial.

O debate começou em 2010 quando o Conselho Nacional de Educação (CNE) determinou que a obra não fosse mais distribuída às escolas públicas por considerar que ela apresenta conteúdo racista.

Após a intervenção do Ministério de Educação e Cultura, o CNE decidiu anular o veto e indicar que as próximas edições do livro viessem acompanhadas de uma nota técnica que instrísse o professor a contextualizar a obra no momento histórico em que ela foi escrita.

Antonio e o Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (IARA) pedem mandato de segurança contra o livro e contra o relatório do CNE, passando a questão para Supremo Tribunal Federal que faz uma audiência de conciliação em 11/09/2012 para se chegar a um entendimento entre as partes, mas que não chega a um consenso.

O IARA é um órgão privado, sem fins econômicos, que atua nas áreas de Direito Racial e Ambiental, promovendo a defesa dos direitos da população afro-brasileira, entre outras funções.

Valendo-se do conceito do politicamente correto, que é evitar a utilização de termos que discriminam em favor de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, os denunciantes exigem uma nota explicativa na obra utilizada em escolas públicas. A nota esclareceria a postura preconceituosa vigente na época em que o livro foi escrito, além da preparação exemplar dos professores para os possíveis questionamentos sobre o racismo no Brasil, sob a ameaça de retirar *Caçadas de Pedrinho* do Programa Nacional Biblioteca na Escola, que distribui milhões de livros em escolas públicas, de acordo com o texto 1 exposto adiante.

2.3 O dialogismo na charge

Podemos ponderar que a *charge* divulgada no dia posterior à audiência de conciliação realizada em 11/09/2012, assim como o *editorial* divulgado em 14/09/2012, representa uma resposta aos vários posicionamentos apresentados no próprio jornal, como veremos adiante.

Questão não é literária, diz advogado de entidade

Ação pede que professores sejam capacitados para abordar racismo

Profissionais de ensino e escritores dizem que ficção não é realidade, mas admitem que falta orientar educadores

DE SÃO PAULO

Na opinião do advogado Humberto Adami, do Iara (Instituto de Advocacia Racial), a discussão sobre preconceito contra negros em "Caçadas de Pedrinho", de Monteiro Lobato, ultrapassa o âmbito da questão literária.

“ O Lobato tinha algumas ideias racistas, mas isso não atinge a literatura infantil dele. Querer proibir? Tá maluco...”

ZIRALDO, escritor

“ Vai muito além do talento do professor de vida à literatura. O que precisamos é de investimento em formação

CRISTOVÃO TEZZA, escritor

“ Isso me lembra a queima de livros durante o nazismo. É um patrulhamento que não faz sentido acontecer em uma democracia

CHICO POLI, diretor do sindicato dos diretores de escolas públicas estaduais de São Paulo

“ Não é o livro que tem de formar o professor, é o Estado. Se vai haver responsabilidade, tem de ser assumida e paga. O MEC só paga a tinta e o papel. Há carência de formação

MARIA TEREZA CAMPOS, consultora de educação

Jornal *Folha de S. Paulo*, Ilustrada E3, 11/09/2012

Texto 1- Depoimentos

Folha de S. Paulo, Ilustrada, 11/09/2012.

Audiência no STF sobre livro de Lobato não chega a acordo

MEC e instituto do Rio vão debater ajustes

MATHEUS MAGENTA
ENVIADO ESPECIAL A BRASÍLIA

A audiência de conciliação realizada ontem à noite no Supremo Tribunal Federal para discutir a adoção do livro "Caçadas de Pedrinho", de Monteiro Lobato, no Programa Nacional Biblioteca na Escola, do governo federal, trouxe avanços sem chegar a um acordo definitivo.

Em 2010, o livro foi acusado de racismo, sobretudo pelo modo pejorativo como se refere à personagem negra Tia Nastácia.

Convocada pelo ministro Luiz Fux, a negociação envolveu o Ministério da Educação

o Instituto de Advocacia Racial, do Rio, e o técnico em gestão educacional Antonio Gomes da Costa Neto.

Há dois anos, um parecer do Conselho Nacional de Educação recomendou a não distribuição da obra por meio do PNBÉ, alegando que o livro era racista. Por meio de um ato homologatório, o MEC desconsiderou o parecer.

Para o ministério, uma nota explicativa recomendando a contextualização da obra bastaria para a distribuição.

O Iara e Costa Neto entraram com um mandado de segurança para sustar o ato.

Na audiência, o instituto sinalizou que pode desistir de pedir a tal anulação, caso o MEC implemente medidas concretas, como a capacitação de professores sobre o tema, além da veiculação da tal nota explicativa.

O ministério se dispôs a negociar os parâmetros do acordo com o próprio Iara, deixando em aberto uma definição sobre o caso. Haverá um novo encontro entre as partes no próximo dia 25, em Brasília, para discutir o processo de ajustamento.

Caso cheguem a um acordo, seus termos deverão ser apresentados ao ministro Fux, que decidirá se procede.

Caso contrário, o processo será submetido à decisão do plenário do STF.

Em entrevista à *Folha*, na última segunda-feira, o advogado Humberto Adami, que representa o Iara, declarou que o instituto estava aberto ao diálogo e que a ação tem por objetivo "conter o risco de ver o racismo reintroduzido em sala de aula".

Jornal *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 12/09/2012.

Texto 2: Notícia 1

Fonte: *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 12/09/2012.

Acordo sobre adoção de livro de Monteiro Lobato segue incerto

Apesar do Supremo comemorar avanços, divergências entre MEC e Iara permanecem

DO ENVIADO A BRASÍLIA

O ministro Luiz Fux, do Supremo Tribunal Federal, comemorou anteontem os avanços durante uma audiência de conciliação para discutir a adoção do livro "Caçadas de Pedrinho", de Monteiro Lobato, no Programa Nacional Biblioteca na Escola, do governo federal. Mas o acordo entre as partes ainda está longe de ser concretizado.

A princípio, os proponentes da ação (o Instituto de Advocacia Racial, do Rio, e o técnico em gestão educacional Antonio Gomes da Costa Neto) sinalizaram que desistiriam da ação caso o Ministério da Educação implemente

medidas concretas acerca do livro em questão, como a capacitação de professores sobre o tema e a veiculação de uma nota explicativa sobre o racismo presente na obra.

As partes se encontrarão novamente em Brasília, no próximo dia 25.

A maior divergência está no quanto o MEC — que diz já fazer sua parte — estará disposto a ceder para evitar que a discussão chegue ao plenário do Supremo, caso não haja conciliação.

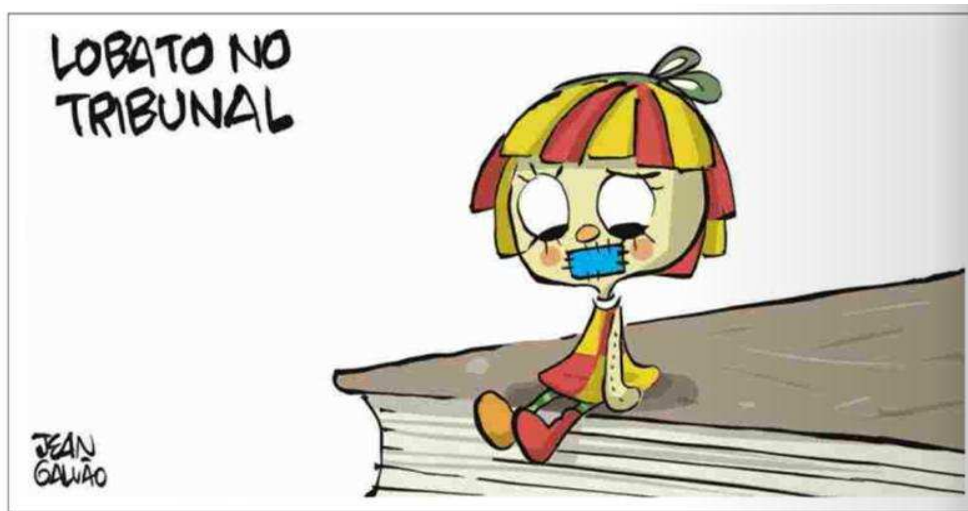
"O MEC diz que capacitou pouco mais de 60 mil professores num universo de quase 2 milhões. É pouco", Humberto Adami, rebate o advogado do Iara. (MM)

Texto 3: Notícia

Fonte: *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 13/09/2012.

Podemos dizer que alguns depoimentos apresentados pelo órgão de imprensa são de pessoas ligadas ao mundo literário, a respeito da possível proibição do livro de Monteiro Lobato por causas racistas, observados no texto 1. Também nesse mesmo texto, uma melhor formação do professor é mencionada em alguns depoimentos para fins de elucidação do racismo em obras literárias. Além disso, atentamos às notícias sobre o julgamento nos textos 2 e 3, mostrados acima.

Na charge, observamos que o autor da imagem posicionou, à esquerda, o título *Lobato no tribunal*, com letras em caixa alta e em negrito. Para Dondis (2007) essa colocação influencia a visão, pelo favorecimento do olho pela zona esquerda de qualquer campo visual, chamando a atenção. Podemos considerar que o artista procura caracterizar a impossibilidade de Monteiro Lobato de se defender das acusações, colocando o título em evidência, posicionando-se de maneira crítica. Lobato faleceu em 04 de julho de 1948, não podendo estar em um tribunal.



Texto 4- Charge

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 12/09/2012, Opinião.

Pela configuração em escala menor que o livro, sobre o qual está sentada, podemos dizer que a personagem Emília despontou de suas páginas. A caracterização do olhar da boneca de pano por meio de dois pontos para baixo direcionados à boca interdita parece sugerir um questionamento envolvendo certa tristeza, contrariando, porém, seu modo ímpeto de ser. Emília, no mundo imaginário de Lobato é uma boneca crítica, tagarela, mandona e irreverente.

De acordo com Dondis (2007), o equilíbrio das escolhas imagéticas como o ponto, a linha, a forma, a cor, a dimensão, dão acabamento ao que o desenhista pretende enunciar, determinando “o objetivo e o significado da manifestação visual e têm fortes implicações com relação ao que é recebido pelo espectador” (Dondis, 2007: 29).

A representação dessa imagem nos possibilita fazer uma relação de sentidos com o tom crítico nos depoimentos expostos no texto 1: *Quer proibir? Tá maluco; O que precisamos é de investimento na educação; Isso me lembra a queima de livros durante o nazismo; Não é o livro que tem de formar o professor, é o Estado.*

O tom, de acordo com Bakhtin (2003, p. 391)

não é determinado pelo conteúdo concreto do enunciado ou pelas vivências do falante mas pela relação do falante com a pessoa do interlocutor (com sua categoria, importância, etc.).

Podemos considerar que a tonicidade refletida no objeto de estudo se deve ao conhecimento dos presumidos leitores de Monteiro Lobato sobre a situação deplorável em que se encontra a educação brasileira e dessa forma, munidos de argumentos afins.

A colocação do Brasil em 59º lugar no ranking do PISA - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes -, de 2012, ficando abaixo dos padrões estabelecidos pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico - é um indício concreto da necessidade de investimento na base da aprendizagem.

Na charge, a personagem Emília está retratada com a boca cerrada por uma tarja azul, que se destaca no contraste com o tom pastel predominante, impedindo-a de argumentar. A tarja parece ter sido costurada à mão, pela representação dos pontos em linhas irregulares. Podemos relacionar esta representação à impossibilidade de comunicação e defesa do próprio escritor Monteiro Lobato.

Para Dondis (2007: 29) o resultado das decisões compositivas "determinam o objetivo e o significado da manifestação visual e têm fortes implicações com relação ao que é recebido pelo espectador". Com esses dizeres podemos inferir que a autora compartilha os preceitos do Círculo de Bakhtin sobre a teoria da linguagem dialógica na relação autor/objeto estético/interlocutor, o que nos permitiu uma melhor compreensão dos sentidos embutidos no enunciado verbo-visual, conduzindo-nos à sua posição crítica sobre o fato.

2.4 O dialogismo no editorial

Segundo o Manual de Redação do jornal *Folha de S. Paulo* (2010: 23) "o jornal pode surpreender e inquietar o leitor, bem como pôr em xeque ideias feitas", instigando-o a tomar uma posição "naquele meio de discursos alheios, de apreciações e de entonações (Bakhtin, 2010a: 87).

Podemos dizer que o *Editorial* de 14/09/2012, assim como a *charge*, responde às diferentes notícias e posicionamentos a respeito da denúncia da existência de palavras que remetem ao racismo, na obra *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, expostos anteriormente.

Caçadas a Pedrinho

Talvez seja até um bom sinal, em país acostumado a dizer que "tudo termina em pizza", a circunstância de que tanta coisa, agora, alcance o Supremo Tribunal Federal.

Constitui evidente exagero, todavia, que a polêmica sobre o livro "Caçadas de Pedrinho", de Monteiro Lobato, necessite da intervenção do STF para ser dirimida.

Ainda não se chegou a acordo definitivo sobre o tema, na audiência de conciliação promovida nesta semana pelo ministro Luiz Fux. De um lado, o Ministério da Educação não concorda em sustar a distribuição da obra nas escolas públicas. De outro, representantes do movimento negro vêem racismo em expressões usadas pelo autor quando se refere a Tia Nastácia.

Parece faltar equilíbrio em muitas dessas manifestações. Em primeiro lugar, não se trata propriamente de "censura" ao clássico infantil. "Caçadas de Pedrinho" continua a circular livremente.

Em segundo lugar, há sinais de racismo em vários escritos de Monteiro Lobato. Num trecho de sua obra adulta chegou a referir-se à presença de uma "pretalhada inextinguível" no país. Comparando Nastácia a uma "macaca de carvão", no momento em que a cozinheira sobe às pressas numa árvore, sem dúvida o livro "Caçadas de Pedrinho" desperta conotações racistas - ainda que o mono-carvoeiro (*Brachyteles arachnoides*), notável pela agilidade, tenha pelagem aloirada.

O recurso a notas explicativas e materiais auxiliares poderia perfeitamente evitar, se é que existe tal risco, o reforço de uma mentalidade racista entre os alunos. Mais que isso, seria estímulo interessante à discussão do tema.

Para alguns setores do movimento negro, não é suficiente. Com parcela de razão, argumentam que nem sempre os professores da rede pública estão preparados para desenvolver esclarecimentos satisfatórios sobre o assunto.

E sobre vários outros, cabe acrescentar. A lembrança não exclui, entretanto, a comichão censória que tantas vezes acompanha o espírito politicamente correto. Julga-se eliminar o racismo recalçando, e não dissecando, suas manifestações.

A audiência de conciliação registrou, ao que se noticia, alguns avanços, mas ainda se reivindicam "medidas concretas" para que os professores da rede pública sejam devidamente preparados para tratar de "Caçadas de Pedrinho".

Há algo de ridículo nessa insistência, e não há conciliação possível quando uma das partes está mais interessada em manter a discussão para além do que seu âmbito, restrito e pontual, permite.

Texto 5: Editorial

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 14/09/2012, Opinião.

Observamos que na troca da partícula DE, presente no título do livro *Caçadas de Pedrinho*, pela partícula A, presente no título do editorial *Caçadas a Pedrinho*, o locutor mudou a condição de agente da personagem – Pedrinho caça -, ou seja, ele pratica a ação de caçar, para paciente – Pedrinho é caçado -, ou seja, ele sofre a ação da caça. Podemos relacionar esse sentido à possível proibição do uso do livro de Lobato nas escolas públicas como consequência do julgamento da denúncia.

Podemos, também, relacionar a esse sentido a publicação no texto 1 acima -Isso me lembra a queima de livros durante o nazismo -na lembrança da caça aos livros para serem queimados em praça pública no tempo do nazismo, na crença da impossibilidade de influência nas ideias dos indivíduos. A inter-relação dos enunciados nos permite considerar a posição avaliativa do autor contrária ao processo que acusa o livro *Caçadas de Pedrinho*.

Examinamos, também, relações dialógicas em palavras e expressões apresentadas entre aspas. Nas aspas, de acordo com Bakhtin, "se ouvem nitidamente os ecos de alternância dos sujeitos do discurso e de suas mútuas relações dialógicas".

Para dar maior credibilidade ao seu pronunciamento, o enunciador as pede emprestadas a outro locutor, eximindo-se da responsabilidade do

dizer e ao mesmo tempo responsabilizando o outro pela sua enunciação. Como exemplo, temos no editorial a expressão *medidas concretas* (§9) - mas ainda se reivindicam "medidas concretas" para que os professores da rede pública sejam devidamente preparados - podendo conter inúmeras possibilidades conotativas, diretamente ligadas ao todo intencional.

Mesmo esquivando-se da responsabilidade do dizer, a posição crítica do locutor frente ao processo contra a obra de Monteiro Lobato fica transparente no enunciado, quando observamos a expressão *medidas concretas* na notícia veiculada no texto 2, §7 - caso o MEC implemente medidas concretas -, com sua significação apenas vocabular. O uso dessa expressão pode sugerir certa desconfiança dirigida aos órgãos responsáveis pelas ações.

Por ser o *editorial* uma amostra do posicionamento axiológico da empresa sobre determinado assunto, o uso de tal expressão pode provocar certos questionamentos nos leitores por aquela pertencer a um campo de indeterminações do signo. Dessa forma, o entendimento dos acontecimentos que envolvem os discursos é imprescindível para possíveis avaliações.

Também observamos, no *editorial*, palavras com conotações de incerteza, podendo traduzir as ideias contidas no enunciado num tom crítico, como *talvez* (§1), na incerteza de ser boa a interferência do Supremo Tribunal Federal I; *todavia* (§2), na incerteza da necessidade do envolvimento do STF; *parece* (§4), na incerteza do equilíbrio entre os argumentos apresentados pelo MEC e pelo IARA; *se* (§6), na incerteza da influência racista nas escolas. Tais escolhas linguísticas podem configurar a posição valorativa do órgão jornalístico de maneira crítica às possíveis consequências das decisões jurídicas.

Podemos relacionar essa avaliação à notícia divulgada pelo mesmo jornal, com o título do texto 3 -Acordo sobre livro de Monteiro Lobato segue incerto -.Podemos ponderar que o sentido do todo enunciativo encontra eco na mesma esfera do conhecimento, que é o jornal, fortalecendo a sua ideia. Para Bakhtin (2003: 272), cada enunciado "é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados".

Após essa pequena análise podemos dizer que as escolhas linguísticas concretizaram o posicionamento crítico do órgão jornalístico sobre o processo de denúncia de racismo na obra de Monteiro Lobato.

3. Considerações finais

Podemos dizer que a realização da análise dialógica dos enunciados opinativos da mídia impressa, *charge e editorial*, foi possível graças à observação aos parâmetros estabelecidos pela teoria bakhtiniana. Para Fiorin (2011: 47), fazer "uma análise segundo os princípios bakhtinianos

é analisar a historicidade inerente ao texto”. Atentos a esse preceito consideramos as diferentes sentidos acerca do racismo no tempo/espço em que a obra do escritor brasileiro foi escrita, e em que os enunciados foram construídos.

A utilização de depoimentos e notícias divulgados pelo jornal *Folha de S. Paulo* permitiu-nos relacionar as escolhas compositivas de cada enunciado aos posicionamentos axiológicos de seus autores refletidos em cada materialidade enunciativa. Podemos dizer que a forma de composição de cada objeto é o resultado valorativo de cada autor a respeito de seu tema à espera de uma posição responsiva de seu leitor.

Utilizando as proposições de Dondis (2007), observamos a materialidade verbo-visual da charge nas formas, nas cores, nas linhas, nos pontos, nas dimensões. Tais conhecimentos nos permitiram observar relações dialógicas com outras enunciações e, conseqüentemente, tornar claro o posicionamento crítico embutido nas escolhas gráficas. De acordo com autora, quando há uma educação que permite a observação dos efeitos de sentido produzidos pela imagem criada, ao ver “percebemos o desenvolvimento de transformações através da observação paciente” (Dondis, 2007: 13).

Para a análise do editorial relacionamos dialogicamente algumas expressões realizadas pelo locutor, como o uso das aspas e palavras com conotações diversificadas. Podemos dizer que os elementos que constituíram o todo enunciativo concretizaram a posição crítica do locutor. Na concepção bakhtiniana o que determina o enunciado, seu estilo e sua composição é a visão de mundo do falante, os seus juízos de valor e emoções, por um lado, e o objeto do seu discurso e o sistema da língua, por outro.

Assim, observando o dialogismo presente, podemos considerar cada enunciado – *charge e editorial* - como uma representação refratada de posicionamentos, e ao mesmo tempo refratante, pelo seu poder de refletir sentidos interpretados. Manipulando os elementos disponíveis para a concretização do objeto estético, cada enunciativo constituiu a sua ideia, posicionando-se de maneira crítica perante o fato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, C. L. et al. *Monteiro Lobato: Furacão da Botocúndia*. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora F. Bernardini, José P. Júnior, Augusto G. Júnior, Helena S. Nazário e Homero F. de Andrade. São Paulo: Hucitec, 2010a.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

BERTI-SANTOS, Sonia Sueli. O ato ético e estético e a leitura. In: BERTI-SANTOS, Sonia Sueli (Org.) *Teorias e práticas de leitura: olhares e percepções*. São Paulo: Terracota, 2012.

CARVALHO, Adriana Cintra de; PUZZO, Miriam Bauab. Textos opinativos: uma questão de Gênero. *Rev. Ciências Humanas*, Taubaté, v. 9, n. 2, p. 155-160, jul./dez. 2003.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FIORIN, José Luiz. Categorias de análise em Bakhtin. In: (Org.) PAULA, Luciane de, STAFUZZA, Grenissa. *Círculo de Bakhtin: Diálogos in possíveis*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.-(Série Bakhtin: Inclassificável; v.2).

LOBATO, Monteiro. *Caçadas de Pedrinho e Hans Staden*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1969.

MACHADO, Irene. A questão espaço temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In: PAULA, Luciene de; STAFUZZA, Grenissa (orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá: Eduem, 2000.

SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

TEXTO 1. Depoimentos. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada, p. 3, 11/09/2012.

TEXTO 2. Notícias 1. *Folha de S. Paulo*. Cotidiano, p. 4, 12/09/2012.

TEXTO 3. Notícias 2. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada, p. 4, 13/09/2012.

TEXTO 4. Charge. *Folha de S. Paulo*. Opinião, p. 2, 12/09/2012.

TEXTO 5. Editorial. *Folha de S. Paulo*. Opinião, p. 2, 14/09/2012.